

SAIGUE *de*
AUJ 0



— ALINE SILVESTRI —

SAINGUE *de*
ANJ



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Aline Silvestri, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA

Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

ILUSTRAÇÃO

Filipe de Souza Bandeira Azevedo

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Silvestri, Aline

Sangue de anjo / Aline Silvestri – 2ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-48-9

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para o sol do meu mundo:

Maria José Pinheiro de Almeida.

Obrigada por sempre me fazer acreditar
que posso ir além. Te amo, mamãe.

O ar que eu respiro:

Cristiano Maciel Silvestri.

Obrigada, meu amor, por tudo o que você
faz por mim. Sempre me deu suporte para
escrever e, apesar de todas as reviravoltas
da vida, nunca deixou de ficar do meu
lado. Te amo, minha vida.

A estrela mais brilhante do meu céu:

Sabrina da Silva da Rosa.

Amada amiga, obrigada pelo tempo em
que estive aqui comigo. Sinto sua
falta e te amarei eternamente.

*Para a maioria dos homens, dor significa ódio,
e ódio significa vingança.*

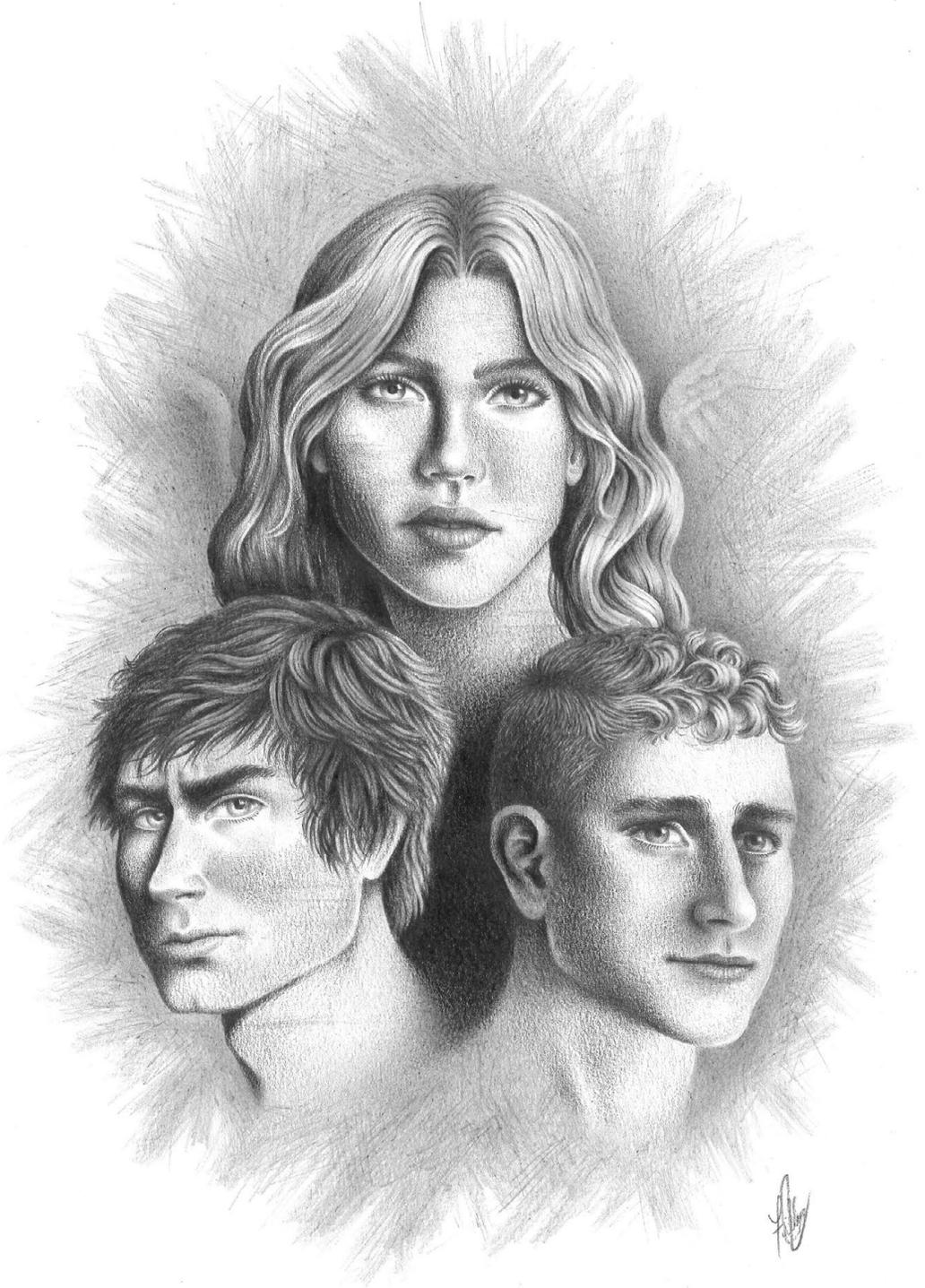
Paolo Mantegazza

Melody

O começo do fim da minha história foi quando a palavra *amor* passou a fazer sentido para mim; logo eu, quem mais deveria entender de amor. Fui criada com o propósito de unir os destinos de casais apaixonados, eu e meu companheiro. Usávamos cada um uma flecha, e o casal que era atingido por elas se apaixonava na mesma hora, pois nós éramos os famosos cupidos.

Eu estava lá, diante dele. Metade de mim gritava, eufórica: *vamos lá, Melody, atire esta flecha. É o seu trabalho.* A outra metade tremia covardemente e sussurrava em meus ouvidos: *se você atirar, vai perdê-lo para sempre...*

Gostaria de ter ouvido a voz eufórica que ecoava em minha mente. Em vez disso, segui meu coração traiçoeiro.



Parte I



Melody

Até agora este dia parece ser como qualquer outro. Acabei de completar uma missão. É um casal diferente: a mulher é mais velha, rica, poderosa e dona de si, enquanto o garoto tem idade para ser seu filho; trabalhador, esforçado, mas pobre. O mundo deles é diferente demais, de modo que, aos olhos do mundo humano, eles jamais se encontrariam algum dia. Contudo, é o seu destino, foi só Fly e eu entrarmos em ação e... prontinho. Mais um casal apaixonado para nossa lista. E o deles será um amor belíssimo. Ah, o amor...

— O que está fazendo? — Ouço a voz de Fly e acabo despertando de meus devaneios.

Sentada no chão do jardim dos cupidos, aliso uma mecha de meus cabelos ondulados. Ele se aproxima e pede permissão para se sentar ao meu lado.

— Nada, eu só estava... — respondo, sem mirar seus olhos azuis.

— Pensando nos humanos — diz, e eu o olho, surpresa. — Você está sempre sonhando com eles.

Desvio o olhar e abaixo a cabeça. Fly me conhece bem, ou pelo menos deveria conhecer, afinal estamos juntos desde o dia em que recebemos o sopro de vida do criador. Ficaremos juntos para todo o sempre; é assim que funciona a vida dos cupidos. Solto um suspiro e percebo seu olhar sobre mim. Ele segura minha mão e questiona:

— Está tudo bem, Mel?

Em minha cabeça há um redemoinho de perguntas. Será assim para sempre? Nunca seremos diferentes? Nunca faremos nada diferente? Minha boca se abre, mas as palavras não saem, pois não

posso revelar esses pensamentos... Ele não entenderia. Sinto quando aperta minha mão.

– Se abra comigo, Mel. Eu a conheço bem. É o cupido mais alegre deste setor. O que está acontecendo com você? Tem andado triste e distante...

Sinto um aperto ao ouvir seu lamento de preocupação e acabo desabafando:

– Não fica cansado disso, Fly?

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Cansado de quê? – questiona, parecendo confuso.

Respiro fundo e me levanto; ele repete meus movimentos. Giro meu corpo, olhando em volta. Aponto ao redor.

– Disto tudo...

Ele presta atenção para onde minhas mãos apontam. Dezenas de casais de cupidos passeiam pelos jardins. Alguns folheiam os documentos em suas mãos, preparando-se para descer à terra e fazer seu trabalho.

– Sabe, todos os dias fazemos as mesmas coisas... Tem sido assim por quanto tempo? Um milênio? – Ele cruza os braços, ainda me encarando. Dou-lhe as costas e continuo a falar enquanto caminho em volta da fonte à nossa frente: – Estamos aqui, unindo casais humanos, há milhares de anos. Observado suas vidas, lhes proporcionando felicidade... – Viro-me para ele com as mãos em frente ao peito. – E lhes mostrando o amor...

Ele se aproxima, apoiando as mãos em meus ombros de maneira carinhosa.

– É nosso trabalho, Mel. Por que está dizendo essas coisas?

– Eu sei, mas você não gostaria de ter uma vida diferente? Sentir... assim como eles. Viver como eles, amar como eles.

– Não. Eu não preciso disso. Não é natural, Mel. Esta é a nossa vida, sabe que não gosto muito dos humanos. – Ele franze o cenho. – Acho que são criaturas arrogantes e egocêntricas, sabe disso.

– Eu sei... Mas nem todos são assim...

Ele faz careta. Engulo em seco, sem saber como me expressar, e ele segura em meu queixo. Sinto seu abraço morno.

– Eu amo você... Esqueça essas coisas, Melody. Nossas vidas são perfeitas. Apesar deles, gosto do que fazemos. Você também adora poder

fazer as pessoas sentirem amor. — Ele me afasta e me fita com esses lindos olhos azulados quase transparentes. Esboço um sorriso fraco. — Você só deve estar cansada. Temos trabalhado muito.

Envolvo meus braços nele, retribuindo o abraço.

— Você tem razão. Às vezes, eu me deixo levar pelo cansaço.

Sinto-o beijar minha cabeça e volto a encará-lo.

— A chefe nos chamou, temos mais uma missão. Pensei em pedir uma folga a Gabriel quando essa terminar. O que acha? — me pergunta com uma voz suave e suspira.

Eu também o conheço bem. Os outros cupidos não conseguem se aproximar de Fly, pois ele passa um ar indiferente e às vezes até bravo para quem apenas o vê de longe, mas ele é doce e tem um bom coração. Eu o amo.

— Acho perfeito.

Minha boca se abre em um sorriso. Tento afastar os pensamentos que insistem em me dominar. Fly tem razão: os humanos precisam de nós e tenho orgulho desse trabalho. Somos muito bons nisso. Não é como se fosse uma competição ou algo assim, mas, na liga dos cupidos, o sucesso de uma relação entre os humanos está ligado de forma direta ao relacionamento do casal de cupidos que os uniu, por isso trabalhamos em pares. Quanto mais forte o laço entre os cupidos, mais duradoura a relação entre os humanos.

Caminhamos abraçados até o escritório de missões, onde recebemos as fichas do próximo casal que será laçado. Abro a pasta em minhas mãos, sorridente por saber que vamos descer à terra outra vez. Eu amo observar os humanos, e isso é parte essencial do nosso trabalho. Diferente de outros seres celestiais, que passam a vida inteira em seus setores, nós, cupidos, convivemos diretamente com os seres humanos. Nós e os anjos da guarda. Sorrio ao pensar neles, sempre ocupados e apressados com suas expressões sisudas.

— Do que está rindo? — Fly me pergunta, sorrindo, segurando em suas mãos a ficha da garota que será laçada.

— Nada — digo, alegre. — Feliz de poder voltar e vê-los.

— Você os ama mesmo, não é? — ele questiona com um olhar terno, e eu apenas concordo balançando a cabeça.

— Nos vemos depois? — pergunto, e ele assente com um sorriso de canto.

Abrimos nossas asas e seguimos na direção dos portões do céu, sorrindo um para o outro. Descemos para a terra, cada um em uma direção. Agora começa a minha parte favorita do trabalho: observar os humanos.

Passo por entre as árvores levantando as folhas secas com o vento de minhas asas. Ah, eu amo este lugar. Os humanos têm tanta sorte; cada momento é único para eles, com suas vidas delicadas e frágeis, que, apesar de curtas, são intensas. Eu os admiro muito, e sinceramente às vezes sonho em ser como eles. Imagino como é a sensação de ser de carne e osso. Sentir o sol, o ar e o amor...

Mesmo depois de tanto tempo, ainda adoro ver suas rotinas e acompanhar suas vidas; sempre há algo novo para descobrir sobre eles.

Conforme sonho acordada com a vida que nunca terei, voou para o local onde encontrarei meu próximo trabalho. Seu nome é David, um garoto de vinte anos, cursando medicina na Universidade de Washington, em Saint Louis. Sua família é rica, mas humilde, e ele é um bom rapaz, pelo que vejo em sua ficha. Esse vai ser fácil.

Chego em sua casa e, aproveitando que a porta está aberta, entro à sua procura pelos cômodos. Encontro-o no quintal sentado à beira da piscina conversando com um amigo. Meus pés tocam suavemente o chão e minhas asas se fecham. Caminho devagar até eles, prestando o máximo de atenção nos dois garotos.

— Bom, você pode ficar aqui até a situação se resolver — David fala para o garoto sentado ao seu lado enquanto balança os pés dentro da piscina.

Meu corpo está tenso, sensação que não é normal para mim. Passo atrás deles, caminhando devagar para tomar distância e ver seu rosto de frente.

— Eu não quero atrapalhar, David. Você já tem seus próprios problemas... — o garoto ruivo diz.

Sinto uma palpitação no peito ao ouvir sua linda voz.

— Pode parar, Bruno. Não é incômodo nenhum. Minha família o adora, cara. Você vai ficar e pronto.

No momento em que vislumbro aqueles olhos... é como se a Terra parasse de girar. Sinto algo em meu peito e uma estranha sensação em meu estômago, como se as asas de mil borboletinhas se debatessem aqui dentro, deixando meu corpo tenso e ao mesmo tempo leve.

O garoto ruivo de pele clara sorri para o amigo, e seu sorriso parece quebrar uma parte de mim. Não sei o que está acontecendo. Ele é tão doce, tão bonito e tão triste. Ando alguns passos na direção dos dois e paro ao seu lado.

— Obrigado, David. É só até eu achar algum apartamento barato. Não aguento passar mais um dia sequer naquela casa.

Continuo a observar os dois conversando e acabo perdendo a noção do tempo.

Volto para o céu quando já está escurecendo na terra. Meu peito pesa, mas a sensação é boa. Estou ansiosa para voltar amanhã.

O nosso alojamento na liga dos cupidos é composto por um espaço aberto gigantesco. É simples e aconchegante, adornado com plantas e flores e iluminado sutilmente com a luz de várias tochas. É aqui que ficamos no intervalo entre as missões. Diferente dos anjos da guarda e outros seres celestes, que têm seus quartos separados e privados, o nosso alojamento não possui paredes. Ficamos todos juntos, centenas de casais de cupidos. Descansamos em redes que ficam a várias alturas ao redor do grande salão redondo.

Fly está deitado em nosso espaço, que fica a três níveis do chão. Voo até ele e me sento entre suas pernas na rede.

— Demorou hoje.

— Perdi a noção do tempo — digo, deitando-me e encostando em seu peito. — Como foi com a humana? — Ele franze a testa com uma expressão estranha, não sei se quer rir ou se está bravo. — Ela é tão ruim assim? — pergunto, soltando uma risada abafada, e ele me acompanha.

— Ela não é ruim, mas é um pouco agitada demais. Ela também é bem animada e positiva. Me lembrei de você.

Ele leva uma mão para trás da cabeça, apoiando-se. Ficamos conversando por um tempo, até que Fly pega no sono. Não consigo descansar; aquele garoto de cabelos ruivos não sai do meu pensamento. Isso nunca aconteceu.